



AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM EM CRIANÇAS COM CEGUEIRA CONGÊNITA

Palavras-Chave: Aquisição da linguagem, cegueira congênita, crianças, fonoaudiologia

Autores(as):

Nicole Silva do Nascimento (IEL/UNICAMP)

Prof^(a). Dr^(a). (Orientadora) Maria Elisabete Rodrigues Freire Gasparetto
(FMC/UNICAMP)

INTRODUÇÃO:

Aprender a ler, escrever e falar são etapas naturais do percurso humano, porém como qualquer outro conhecimento que precisa ser adquirido, a aquisição linguística, que cria arcabouço para compreensão de textos, para a escrita, e para fala, é um conhecimento complexo, sendo desta forma um processo que abarca questões cognitivas, afetivas e sociais (LAURIA, 2021). Dessa forma, pensando-se nesse processo como uma etapa natural da vida e que tem toda uma importância social, a presente pesquisa focou em analisar como ocorre a aquisição da linguagem especificamente em crianças cegas congênitas.

Pois, a aquisição e o desenvolvimento da linguagem se constituem em processos complexos e importantes por estarem relacionados ao desenvolvimento global da criança, pois ainda que a função primária da linguagem seja a comunicação, ela é essencial à aprendizagem de outros sistemas. Alguns autores (LEONHARDT, CANTAVELLA e TARRAGÓ, 1999) defendem a importância da visão no desenvolvimento e desta forma, teoricamente, crianças cegas apresentariam déficits no desempenho linguístico, enquanto outros autores argumentam que apesar das singularidades, essas crianças não apresentam déficits. No entanto, há concordância entre todos que o processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem está vinculado ao contexto social da criança.

Dessa forma, pensando no caso de uma criança cega congênita, é reconhecido que haverá especificidades no processo de aquisição linguística, e tais precisam ser bem compreendidas para que não haja prejuízo na linguagem para essa criança. Logo, essa pesquisa foi feita pela necessidade, e importância, de entender esse processo, tanto por meio de estudos já realizados, quanto por meio de relatos de experiência profissional, para que busquemos maneiras de aprimorar e aperfeiçoar o processo de aprendizagem linguística da criança com cegueira congênita, uma vez que a linguagem é uma ferramenta crucial para acessar e compreender o mundo.

METODOLOGIA:

A pesquisa adotou uma metodologia de natureza qualitativa, exploratória e de corte transversal (Turato, 2005). Sendo desenvolvida em duas etapas: a primeira consistiu em uma revisão integrativa da literatura, e a segunda envolveu uma pesquisa de campo por meio de entrevistas com fonoaudiólogos que realizam intervenção com crianças cegas congênitas. Ademais, a pesquisa foi aprovada pelo CEP da Instituição sob o CAAE 74916823.7.0000.5404.

A primeira parte da pesquisa, a revisão integrativa da literatura, pautou-se em um modelo de pesquisa que guiado por uma pergunta norteadora sintetizou todo um conhecimento científico produzido em cima dessa temática central e dessa forma direcionou a uma prática fundamentada nos resultados obtidos (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010).

A revisão, dessa forma, foi desenvolvida visando identificar as produções nacionais/internacionais sobre as palavras chaves/descriptores em português: cegueira congênita, crianças, aquisição da linguagem, deficiência visual, fala e fonoaudiologia e em inglês: congenital blindness, children, language acquisition, visual impairment, speech and speech therapy. Como critérios de inclusão dos artigos foram utilizadas as bases de dados Scopus, SciELO, BVS, PubMed e BDTD.

Na pesquisa de campo os critérios de inclusão foram, formação em fonoaudiologia e atuação com crianças cegas congênitas entre 2 e 6 anos de idade. A amostragem foi constituída pelo método Bola de Neve (ALBUQUERQUE, 2009)

A coleta de dados ocorreu de forma individual e online por meio de entrevistas guiadas por um roteiro de questões semiestruturadas, que abordaram diferentes eixos temáticos: percepção e conduta dos fonoaudiólogos sobre o desenvolvimento da linguagem da criança com cegueira congênita, prática profissional na área da linguagem com crianças cegas congênitas e aprimoramento no processo de aquisição de linguagem em crianças cegas

congenitas. Os dados foram analisados e categorizados seguindo o modelo proposto por Turato (2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os resultados da revisão bibliográfica, a princípio, demonstraram uma escassez de pesquisas na área investigada. As buscas pelos estudos nas plataformas de pesquisa resultaram na seleção de apenas 27 produções acadêmicas para o corpus. E, tais produções, não são necessariamente sobre o tema da pesquisa, mas estão relacionadas a ela de alguma forma, seja abordando a aquisição linguística, ou realizando estudos comparativos entre crianças cegas e videntes e sua linguagem, ou ainda discutindo como o desenvolvimento da linguagem da criança com cegueira congênita ocorre em ambiente familiar e escolar.

Dessa forma, a discussão suscitada pelas 27 produções acadêmicas escolhidas para compor a revisão literária da pesquisa pode ser dividida em categorias de artigos que falam sobre: possíveis distúrbios de linguagem presentes em crianças com deficiência visual; desenvolvimento da linguagem da criança cega congênita em ambiente escolar; desenvolvimento da linguagem da criança em ambiente familiar; teorias e estudos comparativos sobre aquisição linguística em crianças cegas e videntes; e, por último, artigos inconclusivos que abordam a problemática da exploração da temática da aquisição de linguagem em crianças cegas congênitas.

Ademais, os resultados da pesquisa de campo também revelaram uma falta de profissionais atendendo a esse público e temática específica, uma vez que o corpus inicial era de 10 fonoaudiólogos que seriam entrevistados e que atuam com crianças cegas congênitas na área da linguagem. Porém, até o momento, a pesquisa conta com a resposta de apenas três fonoaudiólogos. Isso nos leva à discussão sobre a falta de reconhecimento da possibilidade de o fonoaudiólogo atuar com crianças com cegueira congênita auxiliando no processo de desenvolvimento da linguagem. Ademais, dadas as perguntas feitas, que basicamente avaliaram aspectos fonéticos, semânticos da criança cega congênita e investigaram possíveis distúrbios de linguagem que o profissional possa ter encontrado, outra discussão que surge dessa pesquisa de campo é que, ocasionalmente, crianças cegas congênitas são encaminhadas a esses profissionais por apresentarem atraso de linguagem, possivelmente influenciado pela falta do aporte visual.

CONCLUSÕES:

Os achados da revisão integrativa da literatura destacam as dificuldades de linguagem e comunicação em estágios iniciais em crianças com deficiência visual. Isso é corroborado pela pesquisa de campo com fonoaudiólogos, que relataram que as crianças cegas foram encaminhadas para terapia devido ao atraso no desenvolvimento da linguagem. Além disso, a revisão integrativa da literatura sugere que o desenvolvimento da linguagem em crianças com cegueira congênita é significativamente influenciado pelo ambiente em que vivem. Portanto, é essencial proporcionar um suporte eficiente tanto na família quanto na escola, considerando a escola como um espaço social que acompanhará a criança por muitos anos. Por fim, é importante destacar a carência de estudos mais aprofundados sobre esse tema, que poderiam contribuir para um melhor entendimento e intervenção nas dificuldades de linguagem em crianças com deficiência visual.

BIBLIOGRAFIA:

ALBUQUERQUE, E.M. **Avaliação da técnica de amostragem "Respondent-driven Sampling" na estimação de prevalências de Doenças Transmissíveis em populações organizadas em redes complexas.** Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP; Rio de Janeiro: Ministério da Saúde – Fiocruz, 2009. Dissertação de Mestrado, 99p.

LAURIA, Maria Helena Falleiros. **A aprendizagem da linguagem escrita e sua complexidade: reflexões e intervenções psicopedagógicas.** 2021. Monografia (Especialização em Psicopedagogia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021. 53f.

LEONHARDT, M. G.; CANTAVELLA, F.; TARRAGÓ, R. **Iniciación del lenguaje en niños ciegos – un enfoque preventivo.** ONCE (Organización Nacional de Ciegos Españoles), Madrid-España, 1999.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. **Revisão integrativa: o que é e como fazer.** Einstein , [S. l.], p. 1-5, jan. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/abstract/?lang=pt#>.

TURATO, E.R. **Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa.** Rev. Saúde Pública, São Paulo , v. 39, n. 3, p. 507-514, Junho 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext & pid= S003489102005000300025\ lng= en\ nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S003489102005000300025&lng=en&nrm=iso)>.